

LIVRO 1

*Depois de uma noite  
de amor incrível,  
Eva descobre que foi  
marcada. Ele era Caím.*

SYLVIA DAY

MARCA DA

ESCURIDÃO



SYLVIA DAY

MARCA DA

ESCURIDÃO



Tradução  
CARLOS SLZAK

 FARO  
EDITORIAL

**COPYRIGHT © 2009, BY SYLVIA DAY**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2015**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **LIGIA AZEVEDO**

Revisão **GABRIELA ÁVILA**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **JEFF THROWER | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Day, Sylvia

Marca da escuridão / Sylvia Day ; tradução Carlos David Szlak. — Barueri, SP : Faro Editorial, 2015. —  
(Série marked)

Título original: Eve of darkness.

ISBN 978-85-62409-35-6

1. Erotismo 2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

15-01188

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição brasileira: 2015

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)



### **O DIABO MORA NOS DETALHES.**

Naquele instante, Evangeline Hollis entendeu o verdadeiro significado desse provérbio, cercada, como estava, por centenas de satanistas. Alguns usavam bonés do Seattle Seahawks; outros usavam camisetas do San Diego Chargers. Todos tinham tatuagens tribais na pele, revelando a espécie de amaldiçoados que eram e a posição que ocupavam na hierarquia do Inferno. Aos olhos poderosos de Evangeline, parecia um festival de pecadores. Eles estavam bebendo cerveja, devorando nachos e agitando mãos gigantes de espuma.

Tratava-se de um jogo no Qualcomm Stadium. Era um dia típico do sul da Califórnia: ensolarado e quente, com a temperatura de vinte e oito graus amenizada por uma brisa fresca. Os simples mortais que estavam em meio aos Demoníacos, em bem-aventurada ignorância, só curtiavam o jogo de futebol americano. Para Eva, a cena era macabra. Era como ver lobos famintos tomando sol ao lado de cordeiros. Sangue, violência e morte eram os resultados inevitáveis de qualquer interação entre essas espécies.

— Pare de pensar neles.

A voz grave e sensual de Alec Caim fez Eva se arrepiar por dentro; por fora, ela lhe lançou um olhar triste por cima dos óculos escuros. Alec

queria que Eva ignorasse os inimigos quando não estivessem caçando. Como se fosse fácil ignorar Fadas, Demônios, Magos, Lobisomens, Dragões e suas milhares de variações.

— Tem uma mulher amamentando o filho perto de um Demônio — Eva murmurou.

— Anjo — o apelido pelo qual Alec a chamava a deliciava —, é nosso dia de folga.

Eva bufou e desviou o olhar. Medindo quase um metro e oitenta e cinco, Alec era dotado de um tórax saliente e um abdômen bem definido, perceptíveis através da camiseta branca justa. Ele tinha pernas longas e musculosas, deixadas à mostra pela bermuda. E os bíceps, tão bem modelados, eram invejados pelos homens e cobiçados pelas mulheres.

Alec era seu namorado... de vez em quando. Como um doce, ele era muito gostoso, mas em excesso provocava um choque hiperglicêmico que a deixava confusa e cambaleante. Alec também arruinara a vida que Eva planejava ter. Ela aspirara ser designer de interiores, não caçadora de Demoníacos.

— Como se fosse fácil — Eva resmungou. — Como posso tirar folga quando estou cercada de trabalho? Além disso, eles fedem, mesmo quando os ignoro.

— Eu só sinto o seu cheiro — Alec falou baixinho, inclinando-se para esfregar o nariz no rosto dela. — Humm!

— Eles estão por toda a parte. Fui ao McDonald's ontem e a garota que me atendeu era uma Fada. Não consegui comer meu Big Mac.

— Aposto que consegui comer as batatas — Alec brincou. Tirando os óculos escuros, ele olhou para ela com uma expressão melancólica. — Há uma diferença entre ficar alerta e paranoica.

— Sou cautelosa, só isso. Até achar um jeito de cair fora desse negócio, vou fazer o melhor que posso.

— Você me enche de orgulho.

Eva suspirou. Ter Alec como mentor tinha sido uma má ideia, não só porque era o equivalente a um teste do sofá em Hollywood aos olhos da maioria dos Marcados. Embora o verdadeiro teste do sofá envolvesse a concessão de favores sexuais por um papel que alguém *quisesse*, ninguém queria a marca de Caim.

A hierarquia dos Marcados tinha na base os novatos e no topo Alec, o Mercado original e mais agressivo de todos. Não havia jeito de superá-lo. Também não havia jeito de trabalhar com ele. Alec era o perfeito solitário. No entanto, ali estava Eva, uma novata de apenas seis semanas na linha de frente, situada solidamente no topo, pois ele não confiava em ninguém mais para cuidar de sua segurança. Ela era muito importante para ele.

Os outros Marcados achavam que trabalhar com o principal fiscal de Deus era moleza. Embora fosse verdade que os Demoníacos não mexessem com Alec, a menos que quisessem morrer, isso não tornava as coisas mais fáceis. Naquele momento, eles viam Eva como uma maneira de atingi-lo. Para piorar as coisas, Alec fora marcado fazia tanto tempo que se esquecera do que era ser novato. Ele esperava que Eva simplesmente soubesse de algumas coisas e ficava frustrado quanto percebia que ela não sabia.

Alec apertou a mão dela e disse: — O que aconteceu com a garota que queria esquecer tudo por algumas horas?

— Isso foi antes de ela ter sido raptada e quase explodida em pedacinhos. — Eva ficou em pé. — Volto logo. Preciso ir ao banheiro.

Alec pegou o pulso dela. Eva ergueu a sobrancelha.

— Anjo —, Alec beijou sua mão e disse: — quando digo para parar de pensar neles, não é porque quero que viva em um mundo de fantasias. Só quero que veja as coisas boas ao seu redor. Você viu uma mãe amamentando um bebê, mas não viu o milagre nisso. Estava ocupada olhando o demônio perto dela. Não dê a eles o poder de arruinar seu dia.

Enrugando a testa, Eva absorveu as palavras de Alec e concordou com um gesto de cabeça. Ele vivia com a marca desde a aurora dos tempos, mas ainda conseguia enxergar milagres. Ela poderia tentar.

— Volto já — disse.

Alec a soltou. Eva avançou lentamente entre os espectadores sentados na fila deles, chegou aos largos degraus de cimento e os subiu correndo. Ela ainda se maravilhava com a velocidade, força e agilidade que ganhara com a marca gravada em seu braço. Sempre fora atlética, mas agora tinha se transformado em uma supermulher. Bem, ela não era capaz de voar. No entanto, conseguia pular muito alto, enxergar no escuro e derubar portas, talentos que jamais imaginara que seriam necessários.

Chegou ao corredor e seguiu a sinalização até o banheiro mais próximo. A fila estava um pouco longa, mas, felizmente, ela podia esperar. Só queria se afastar um pouco de seu assento.

Ficou esperando pacientemente com as mãos nos bolsos. Uma brisa ocasional balançava seu rabo de cavalo e carregava o cheiro misturado das almas diabólicas, um fedor que embrulhava seu estômago, algo entre cocô fresco e em decomposição. O fato de Desmarcados não sentirem o cheiro fétido a surpreendia.

Como Eva vivera vinte e oito anos de sua vida em completa ignorância? Como Alec vivera séculos plenamente consciente dessas coisas?

— Mãe! — O garotinho na frente de Eva estava trançando as pernas e se sacudindo de desespero. — Não aguento mais — ele informou.

Embora a mulher parecesse irmã do menino, Eva não ficou surpresa. Muitas californianas não envelheciam. Tornavam-se caricaturas plastificadas de sua aparência na juventude. Aquela era uma loira tingida com um bronzeado perfeito, seios imensos para um corpo bem franzino e boca esticada.

A mãe olhou ao redor.

— Por que você não me deixa ir ao banheiro dos homens? — o menino perguntou.

— Não posso entrar lá com você.

— É só um minuto!

Eva achou que o menino tinha cerca de seis anos; ou seja, idade suficiente para fazer xixi sozinho. No entanto, ela entendia a preocupação materna. Um menino fora morto em um banheiro público em Oceanside enquanto sua tia o esperava do lado de fora. O Demônio que planejou aquele horror tinha utilizado o truque mais velho da Bíblia: fingira que era Deus.

A mãe hesitou por algum tempo, mas, então, concordou com um gesto de cabeça. — Não demore. Você pode lavar as mãos no banheiro feminino.

O menino passou rapidamente pelos bebedouros e entrou no banheiro masculino. Eva deu um sorriso em solidariedade à mãe. A fila andou um pouco. Duas adolescentes se colocaram atrás de Eva. Estavam vestidas de acordo com a moda: regatas sobrepostas e calça jeans de cintura baixa. Um perfume caro saturou o ar em torno delas, criando uma

sensação de alívio bem-vindo contra o cheiro de decadência. No estádio, a multidão urrava. Um dos defensores do San Diego era um Lobisomem. A julgar pelos uivos em alta frequência dos Demoníacos na multidão, ele fizera algo merecedor de aplausos.

— Por que a fila está tão grande? — perguntou a garota atrás de Eva.

Eva deu de ombros, mas a mulher a sua frente respondeu, apontando para a esquerda: — O outro banheiro está fechado para manutenção.

A marca gravada no braço de Eva começou a latejar e, em seguida, a queimar. Ela suspirou e abandonou a fila. — Pode ficar com meu lugar. Não estou tão apertada.

— Obrigada — disse a adolescente.

Eva dirigiu-se para a esquerda, resmungando para si mesma: — Dia de folga!

— Você estava entediada, querida — murmurou uma voz familiar.

Dando uma olhada para o lado, Eva percebeu Reed Abel a acompanhando, com a boca curvada em um sorriso malévolos, escondendo as asas e o halo que ocasionalmente ostentava para chocar. Ele era um *mal'akh*, mas não havia nada de muito angelical no irmão de Alec.

— Mas não queria ser convocada para o trabalho. — Reed era o encarregado das missões de Eva, o que era um truque sujo, na opinião dela. Por que Deus permitia e estimulava a discórdia entre os irmãos estava além de sua compreensão.

— Podíamos explodir essa barraca de tacos — Reed sugeriu. — Seria uma diversão bem quente pra nós dois.

Eva não se envolveria com aquilo. Como seu irmão, Reed sabia deixar uma garota louca no bom e no mau sentido. — Você está brincando a respeito da missão, não está? Precisa de mim para algo mais substancial ou não?

— Antes você achava isso substancial o bastante — Reed afirmou, piscando de forma travessa.

— Não seja rude. Não serei o brinquedo da vez pelo qual você e seu irmão brigam. Encontre alguma outra garota para brincar.

— Não estou brincando com você.

Havia algo de sincero no tom dele. Por necessidade, Eva ignorou, embora algumas partes dela, menos cautelosas, tivessem se animado.

— O banheiro? — ela perguntou, quando percebeu a placa de sinalização amarela dizendo EM MANUTENÇÃO.

— Sim. — Reed agarrou o braço dela e a puxou para mais perto. — Raguel acha que chegou o momento de complementar seu treinamento em sala de aula. Vou procurar Caim.

Eva tinha caído na jurisdição do arcanjo Raguel. Ele era o fiador, Reed era o despachante e ela era a caçadora de recompensas. Era um sistema bem ajustado, mas o caminho fora acidentado desde o início.

Inspirou profundamente. O cheiro cáustico de um Demoníaco irritou seu nariz. — Sabe, é como mandar uma estudante de medicina para uma neurocirurgia no dia em que lê sobre isso pela primeira vez.

— Você não conhece seus pontos fortes, querida.

— Sei quando estão me sacaneando — Eva disse, fuzilando Reed com os olhos.

— Você está se saindo muito bem até agora. É um Lobisomem e você sabe cuidar bem deles. Mas tome cuidado.

— É fácil falar, não? Você não está arriscando sua pele.

Reed deu um beijo rápido, mas quente, na testa de Eva. — Arriscar a sua já é o suficiente. Confie em mim.

Contornando a placa, Eva entrou no banheiro masculino, lamentando o fato de que estava usando sua sandália favorita. Devido aos rigores do “trabalho” dela, começara a usar botas sempre que saía de casa, mas Alec a convencera a usar algo casual naquele dia. Se arrependimento matasse, ela pensou.

O cheiro de amônia dos restos de urina invadiu suas narinas. Foi fácil achar o alvo. Ele estava no centro do recinto, sozinho. Um Lobisomem adolescente, sinistramente familiar.

— Lembra-se de mim? — ele perguntou, sorrindo.

O rapaz era alto e magro, com um rosto longo e comum. Usava uma blusa de moletom com capuz cinza e um jeans tão baixo que deixava a bunda exposta. Uma mancha escura cobria seu rosto e se acomodava sobre sua bochecha esquerda, com espirais em torno de uma forma de diamante. Como a marca no braço dela, funcionava como uma insígnia militar.

Eva logo o reconheceu e, então, sentiu um calafrio percorrer sua espinha. — Você não deveria estar no norte da Califórnia com sua alcateia?

— O Alfa me mandou aqui para um acerto de contas. Ele acha que Caim precisa aprender o que é perder alguém que ama.

— Não houve jeito de salvar o filho dele — Eva afirmou. — Caim não escolhe sua caça. Ele segue ordens.

— Caim fez um acordo. Por você. E não cumpriu a parte dele.

Eva ergueu a sobrancelha, em sinal de dúvida. Alec jamais mencionara um acordo por ela. Mas investigaria aquilo depois. Havia uma questão mais imediata. — Você acha que consegue dar conta de mim sozinho?

— Eu trouxe um amigo — ele disse, dando um sorriso largo.

— Ótimo. — Aquilo não era bom.

Nos fundos do banheiro, a porta da grande cabine para pessoas com deficiência se abriu de repente. Algo absolutamente assustador surgiu. *Putá merda*. O cheiro de um Demoníaco imenso podia ser sentido a quilômetros. No entanto, o único cheiro que Eva sentira antes fora o do jovem Lobisomem.

O Dragão não tinha feito a mudança por completo. Usava calça e sapatos, e cabelos pretos cobriam sua cabeça. Contudo, a boca era um focinho saliente com dentes afiados, os olhos eram os de um lagarto e as partes visíveis do corpo estavam cobertas com escamas.

— Você tem um cheiro bem gostoso — ele bradou.

Eva ouvira falar que os Marcados tinham um cheiro levemente doce para os Demoníacos, o que a tinha feito sorrir por dentro. Não havia um Mercado doce. Todos eram amargos. — Você não tem cheiro de nada — ela disse.

*Falhamos*, Eva pensou, com uma sensação ruim. Os Demoníacos ainda tinham meios de se ocultar na multidão.

— Genial, não? — o Lobisomem comentou. — Vocês não conseguiram eliminar nossa operação.

O Dragão rugiu, e um som apavorante e ensurdecido ecoou no espaço confinado do banheiro. Mas os humanos não eram capazes de ouvi-lo e os tímpanos de Eva eram indestrutíveis, apesar de sua sensibilidade celestial. Outra dádiva concedida pela marca. O Dragão empurrou o Lobisomem para o lado e avançou na direção dela.

— Imagino que seja a deixa para eu partir — o Lobisomem disse para Eva. — Vou dizer ao Alfa que você mandou lembranças.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA  
GRÁFICA PROL EM JUNHO DE 2015